

# Independência

**Flavio Correa**  
Presidente do Conselho de  
Curadores da FUNCEB



**Laurentino Gomes, em seu excelente livro 1822, escreveu:**

*“No ano da sua independência, o Brasil tinha, de fato, tudo para dar errado. De cada três brasileiros, dois eram escravos, negros forros, índios ou mestiços. Era uma população pobre, carente de tudo, que vivia em uma economia agrária e rudimentar. O país nascia falido, sem dinheiro, soldados, armas e munição para sustentar a guerra da independência contra os portugueses. As perspectivas de fracasso pareciam bem maiores das que as de sucesso. No entanto, o Brasil conseguiu manter a integridade do seu território e se firmar como nação independente.”*

A manutenção da integridade do nosso território talvez tenha sido nossa principal conquista nesses primeiros 200 anos, quando o Brasil se firmou como nação única, coesa, falando o mesmo idioma em todos os quadrantes dos seus mais de 8.500.000 km<sup>2</sup>, que ocupam quase a metade da América do Sul, enquanto a parte espanhola se fragmentou em nove países.

Em benefício da História, não se pode deixar de enaltecer o papel que as nossas Forças Armadas desempenharam nesse processo – papel que desempenham até hoje na preservação de nossa integridade territorial e de nossa soberania.

Muito embora o Exército Brasileiro tenha sido criado oficialmente em 1822, mesmo ano da nossa independência, sua cruzada em defesa da pátria vem de muito antes, tendo como marco inicial o ano de 1648, quando indígenas brasileiros, africanos escravizados e brancos portugue-

ses se uniram para reconquistar as vastas terras nordestinas há anos ocupadas pelos holandeses, protagonizando a Batalha dos Guararapes, no dia 19 de abril, data que se consagrou como o Dia do Exército.

Na consolidação da nossa unidade territorial, não se pode esquecer a contribuição de muitos bandeirantes e pioneiros, verdadeiros heróis entre os quais se destaca o Marechal Rondon, nem o formidável serviço prestado mais recentemente pela Força Aérea Brasileira, com o seu Correio Aéreo Nacional, iniciado em 1931, com o objetivo de integrar as diversas regiões do país e permitir a ação governamental em comunidades de difícil acesso.

Considerada oficialmente a força mais antiga, muito embora o Exército estivesse atuando há quase um século, a origem da nossa Marinha remonta a 28 de julho de 1736, quando por decreto Dom João V, Rei de Portugal, criou a Secretaria de Estado

dos Negócios da Marinha e Domínios Ultramarinos. Desde então, ela tem prestado relevantes serviços à Nação e participado de todos os conflitos nos quais o país esteve envolvido. Talvez o episódio mais icônico de sua trajetória tenha sido a sua participação na Guerra da Tríplice Aliança, o maior conflito da América do Sul, vencida pelo Brasil em 11 de junho de 1865.

A verdade é que, sem as Forças Armadas, não teríamos construído o Brasil que hoje temos.

Anotados esses feitos heroicos que tanto nos orgulham, não podemos deixar de constatar, com tristeza, nosso fracasso em atingir objetivos necessários para o desenvolvimento de nossa sociedade, o que nos proíbe, ainda, de fazer parte do seleto clube das nações desenvolvidas. Nossa educação é de baixa qualidade, os serviços de saúde deixam a desejar, a infraestrutura é precária, a segurança, ou a falta dela, atormenta nosso dia a dia, o saneamento básico é insuficiente, o analfabetismo continua sendo real para grande parte de nossa população, assim como a pobreza. Aliás,

nossa capacidade de produzir pobreza e miséria continua sendo um grande mistério. São essas, entre tantas outras mazelas, que nos impedem de festejar o bicentenário da nossa independência com a alegria com que gostaríamos de fazê-lo.

As democracias maduras do mundo ocidental – ao qual o Brasil pertence – se caracterizam não apenas por ter economias avançadas, mas também por ter criado, ao longo da sua história, certos consensos básicos, o principal deles o de que o bem estar encontra-se relativamente espalhado pelas diferentes camadas sociais. (2022, *uma proposta para um Brasil melhor no ano do bicentenário*. Editora Campus).

Se não alcançarmos esses consensos básicos, jamais conseguiremos fazer do Brasil a nação próspera e socialmente justa que tanto almejamos.

Os próximos 200 anos estão apenas começando. Portanto, mãos à obra, brasileiros de boa vontade. Temos muito por fazer. Parafraseando o Almirante Barroso na célebre Batalha do Riachuelo, “o Brasil espera que cada um cumpra o seu dever”.

